



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo

Curso de Especialização em Gestão da Hospitalidade

**SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA:
OS DESAFIOS PARA A
REGIÃO DE POUSO ALTO / GO**

Adalva Alcoforado Lacerda

Deis Elucy Siqueira, Prof^a Dr^a

Orientadora

Brasília, DF janeiro/2004



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo

Curso de Especialização em Gestão da Hospitalidade

**SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA:
OS DESAFIOS PARA REGIÃO DE POUSO ALTO / GO**

Adalva Alcoforado Lacerda

Deis Elucy Siqueira, Prof^a Dr^a

Orientadora

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Gestão da Hospitalidade.

Brasília, DF janeiro/2004

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização em Gestão da Hospitalidade

**SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA:
OS DESAFIOS PARA A REGIÃO DE POUSO ALTO / GO**

Adalva Alcoforado Lacerda

Banca Examinadora

Deis Elucy Siqueira, Prof^a Dr^a

Orientadora

Membro da Banca

Brasília, DF janeiro/2004

Este trabalho dedico em primeiro lugar aos meus filhos Nathália, Arthur e Maria Luíza, que por noites e noites, sentiram a minha ausência física, mas que jamais ficaram sem o meu amor e os meus cuidados de mãe.

E em segundo, mas não menos importante, dedico ao amigo querido, Eudo Cantuário Santiago, que foi sem dúvidas, a fonte de inspiração e dedicação para que eu pudesse chegar ao fim deste trabalho – In Memoriam – Que Deus o tenha em paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo e de todos a Deus pelas oportunidades oferecidas e pelas condições a mim proporcionadas para que pudesse concluir este curso. Ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, na figura da Diretora Núbia David Macedo, que me deu a chance de cursar esta Especialização, a minha Orientadora, Professora Deis Elucy Siqueira, que com muita sabedoria e profissionalismo soube me orientar para que pudesse finalizar esta monografia.

***“A Grande Viagem é aquela que realizamos
ao interior de nós mesmo”***

Milton Rui

RESUMO

Nas páginas a seguir, além dos conceitos sobre a sustentabilidade de uma destinação turística, veremos a importância de se fazer uma análise situacional desta localidade, levando-se em conta: a situação geográfica (rural, urbana, etc), a área do conhecimento (histórico, cultural, cívico, ambiental, técnico-científico, etc), o tipo de atividades a serem desenvolvidas na região (aventura, negócios, eventos, etc), qual seria o público envolvido (infantil, terceira idade, GLS, etc) e uma avaliação tempo (médio ou longo prazo).

Uma importante fase do planejamento ao se avaliar a sustentabilidade turística de uma localidade, compreende no levantamento de alguns fatores influenciáveis aos resultados, como por exemplo: os pontos fortes e fracos da região; quais seriam as ameaças e oportunidades dessa localidade, quais são e como estão os serviços básicos, a infra-estrutura e a qualidade de atendimento aos turistas que visitam o local; e como de ser organizado e administrado o turismo nessa localidade.

ABSTRACT

In the following pages we are going to see, apart from the concepts about touristic sustainability of a destination we will see, the importance of doing a situational analysis of the location, taking into consideration: the geographical situation (rural, urban, etc), the area of knowledge (historic, cultural, civic, ambient, technical, scientific, etc), type of activities to be developed in the region (adventure, business, events, etc) and the kind of public that will be involved (infants, elderly, GLS, etc) as well as a time evaluation (long or short term).

An important planning phase when evaluating the touristic sustainability of a certain location, comprehends the survey of some factors that are influential to the results for example: the strong and weak points of the region; which would be the threats to the opportunities of this region; what are and how are the basic services; the infrastructure and the quality of attendance of tourists who visit the place; and how you can organize and administer the tourism of this area.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 – A Sustentabilidade Turística – Conceitos	11
Capítulo 2 – Conhecendo Pouso Alto	18
Capítulo 3 – Pensando em Turismo Sustentável para a Região de Pouso Alto a partir da Análise Situacional	23
Considerações finais	28
Referências bibliográficas	30

INTRODUÇÃO

Dada a complexidade do fenômeno turístico com uma gama de considerações inerentes a sustentabilidade aplicada ao turismo, identificar em uma determinada região, qualquer que seja, rural ou urbana, os seus fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, além dos ambientais, atrelados à noção de sustentabilidade, é sem dúvida tarefa de grande complexidade, uma vez que existem diversas interpretações, cujas implicações variam de acordo com o contexto da realidade da localidade.

O turismo, segundo alguns registros, situa-se, na atualidade, entre os três maiores produtos geradores de riqueza, entretanto, a competitividade dos mercados e as exigências da demanda têm promovido uma reestruturação da atividade, criando uma clientela específica em torno de produtos segmentados, com alternativas bastante diversificadas: turismo de aventura, cívico, cultural esotérico, da melhor idade, GLS, etc.

No Brasil, há diversas iniciativas de relevância em políticas públicas que buscam contribuir para um turismo mais responsável. “Existe um consenso entre especialistas de que o desenvolvimento do turismo que almeja ser sustentável em nível local (ou de destinos) necessita fortalecer suas intenções e criar instrumentos públicos representativos dos interesses dos atores sociais do turismo”, (Sérgio Salvatti, Coordenador do Programa de Turismo e Meio Ambiente do WWF-Brasil, no *Workshop* sobre políticas locais de turismo sustentável, UnB 27 e 28/11/2003).

Butler (1980 cf.cit. Ruschmann, 1997), criou o conceito de ciclo de vida de destinações turísticas com base no conceito desenvolvido pelo marketing de produtos, e aplicou-o ao estudo do crescimento e declínio dos equipamentos turísticos e das regiões nas quais se localizam, e de acordo com este conceito, o ciclo de vida de uma destinação turística compreende as seguintes fases:

investimento, exploração, desenvolvimento, consolidação, estagnação, declínio ou rejuvenescimento.

O que se propõe neste trabalho é fazermos uma análise da aplicação da metodologia do planejamento situacional de um empreendimento turístico sustentável, tendo como base, o estudo de caso: a região de Pouso Alto, situada no município de Campos Belos em Goiás, contando com, além, da bibliografia pesquisada, o depoimento (registros) de um pequeno empreendedor, Senhor Eudo Cantuário, de fora da região, que instalou lá, no pequeno vilarejo, o seu pequeno negócio turístico, a Pousada Rosa dos Ventos.

CAPÍTULO 1

A SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA – CONCEITOS

Segundo dados da Confederação Nacional da Indústria – CNI, até os anos 80 a concepção de desenvolvimento no Brasil não estava inteiramente vinculada ao princípio da sustentabilidade.

Em seu livro, *Turismo Sustentável*, John Swarbrooke (2000, p. 70), defende que:

No sentido mais amplo do termo a palavra sustentabilidade significa coisas diferentes, em tipos diferentes de destinação. Nas áreas desertas, onde o turismo é recente, ela geralmente significa desenvolver o turismo de tal forma que ele não destrua o frágil ecossistema.

Nas áreas rurais e urbanas, em que as atividades tradicionais como a agricultura ou a indústria pesada está em declínio, a sustentabilidade significa desenvolver formas de turismo que substituam a renda e os empregos que estão sendo perdidos naquelas indústrias tradicionais, assegurando dessa forma que a comunidade possa auto-sustentar-se no futuro. Nas destinações já estabelecidas, significa desenvolver formas de turismo que aumente a capacidade da destinação, de apoiar os recursos do meio ambiente e seu mercado turístico, a fim de impedir o começo do declínio.

Em outras palavras, o turismo deve ser sustentável em si mesmo, mas ele também deve ajudar a sustentar a comunidade e o meio ambiente local.

O conceito de turismo sustentável, nos últimos anos, ganhou o centro das atenções no mundo do turismo e estimulou inúmeras conferências, livros acadêmicos e relatórios empresariais.

Atualmente, diante da importância crescente da atividade, tanto na economia das destinações, na vida das comunidades receptoras e na dos turistas com relação aos impactos da atividade, principalmente do turismo de massa sobre o meio ambiente natural, faz-se presente em todas as reuniões técnicas e científicas do setor a discussão sobre novas formas de turismo.

O planejamento turístico é uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos.

Geralmente, os recursos turísticos naturais estão situados em territórios de pequenas comunidades (é o caso de Pouso Alto em Campos Belos – GO), o que significa a existência de uma população fixa, reduzida e que dispõe de poucos recursos financeiros para os investimentos e as medidas de manutenção da atratividade do local (Doris Ruschmann, 2002, p.90).

Uma vez que uma localidade turística engloba interesses do Estado, dos empresários que lucram com a atividade e do público, surge a questão de quem deverá ser o agente empreendedor desses investimentos?

Acreditamos que se deve estimular a criação de mecanismos de solidariedade entre localidades com recursos naturais próximos entre si e que se beneficiam, direta ou indiretamente, da atratividade desses recursos.

Pelo que se tem visto, ainda restam alguns exemplos de iniciativas de turismo sustentável bem sucedidas para servir de inspiração a estudantes e profissionais.

- 1. O turismo sustentável não é apenas proteção ao meio ambiente; ele também está ligado à viabilidade econômica em longo prazo e à justiça social.*
- 2. Iniciativas planejadas para alcançar o turismo sustentável trazem benefícios a algumas pessoas e prejuízos a outra. É, portanto, um campo altamente político, e não apenas tecnocrático.*
- 3. O turismo sustentável não pode ser separado do debate mais amplo sobre desenvolvimento sustentável em geral.*
- 4. Há uma necessidade de avaliações mais críticas do pensamento e das técnicas na área do turismo sustentável. Há um número excessivo de idéias que parecem ser tão amplamente aceitas que raramente são questionadas.*
- 5. O progresso em direção a formas mais sustentáveis de turismo dependerá muito mais das atividades da indústria do turismo e das atitudes do turista, que de ações do setor público (John Swarbrooke, 2000, p. 8).*

Muitas são as conceituações para *sustentabilidade*. Algumas das mais recentes e interessantes foram selecionadas como exemplos do quanto, mesmo relacionadas com uma única temática, elas podem variar:

- ✓ *Sustentabilidade considerada como uma obrigação moral é uma obrigação geral e não-específica (Solow, 1991).*
- ✓ *O sistema é sustentável tanto quanto o seu capital total seja igual ou maior a cada nova geração (Solow, 1991).*
- ✓ *“Sustentabilidade é uma relação entre sistemas econômicos dinâmicos e sistemas ecológicos maiores, também dinâmicos e que, no entanto, modifica-se mais lentamente, de tal forma que a vida humana pode continuar indefinidamente, os indivíduos podem prosperar e as culturas humanas podem desenvolver-se – mas, também, uma relação na qual os efeitos das atividades humanas permanecem dentro de limites que não deterioram a saúde e a integridade de sistemas auto-organizados que fornecem o contexto ambiental para estas atividades” (Norton, 1992, p.25).*
- ✓ *“Sustentabilidade implica a habilidade do sistema manter sua estrutura (organização) e função (vigor), com o passar do tempo, em face de estresse externo (resiliência)” (Constanza, 1992, p. 240).*
- ✓ *“A sustentabilidade apenas ocorre quando não há declínio de capital natural” (Constanza e Daly, 1992).*
- ✓ *“Ser sustentável é fornecer alimento, fibra e outros recursos naturais e sociais necessários para a sobrevivência de um grupo – sociedade nacional ou internacional, setor econômico ou categoria residencial , de modo que tais recursos essenciais sejam mantidos para as gerações presentes e futuras” (Wimberly, 1993, p. 1).*
- ✓ *Quando se quer manter um certo estado ou função face à natureza cíclica do desenvolvimento, a sustentabilidade é considerada “um processo induzido, imposto ao sistema como parte da atividade humana, sendo totalmente controlada e manejada pelo homem para preservar o sistema no estado desejado” (Voinov, 1999).*
- ✓ *O sistema será sustentável se existe um cenário de manejo trazendo-o para o estado desejado ou dinâmico. Quando não existe a possibilidade de manejo, ou quando ele não pode ser aplicado devido a limitações externas (limitação financeira), o sistema é dito insustentável (Voinov, 1999).*

- ✓ *“A sustentabilidade não implica, tão somente, o manejo do subsistema ecológico, mas, também, a moldagem dos objetivos sociais de maneira adaptativa. Um pré-requisito importante para a sustentabilidade é o balanço entre o desejo da sociedade e as capacidades ecológicas” (Voinov, 1999).*
- ✓ *Dentre as diferentes definições de sustentabilidade observa-se à existência de um componente comum a todas: a manutenção em certo nível, evitando o declínio; a continuidade de um certo recurso, sistema, condição ou relacionamento. Comportamento este que não parece ser inerente aos sistemas ecológicos, tampouco aos sistemas sociais e econômicos criados pelo homem (Voinov, 1999).*

Como podemos observar os autores acima conceituam a **sustentabilidade** envolvendo um universo de condições e/ou necessidades para que a mesma possa acontecer, vai desde um conflito entre ser uma obrigação mais do que moral, partindo para a relação entre sistemas econômicos e sistemas ecológicos, até a preocupação nos efeitos das atividades humanas limitadas que não prejudiquem a saúde. Há também, os que defendem apenas a sustentabilidade como sendo um sistema capaz de manter a sua estrutura, sem que ocorra o declínio do capital natural, ou seja, no que diz respeito ao sistema ecológico ambiental tem que ser prioridade, levando-se em conta não só os recursos naturais, mas também os sociais, necessários para a sobrevivência da comunidade abrangente.

O que chegamos a uma conclusão de que, são pontos de vistas e, portanto, subjetivos, não refletindo obrigatoriamente a realidade.

O desafio do turismo sustentável, sem dúvida nenhuma, está em administrar o turismo nas destinações de maneira a maximizar os impactos positivos, e ao mesmo tempo reduzir os negativos. Porém, cada destinação é diferente das outras e os impactos reais variam, segundo os diferentes tipos de destinação, dependendo:

- ✓ *da época em que a estação turística foi desenvolvida e de como o empreendimento foi planejado inicialmente;*
- ✓ *dos tipos de turismo e dos turistas atraídos pela destinação;*

- ✓ *do grau de desenvolvimento da indústria turística local e de suas relações com organizações turísticas sediadas no exterior;*
- ✓ *da política do setor público;*
- ✓ *da fragilidade, ou de outra característica do meio ambiente, da economia e da cultural local. (John Swarbrooke, 2000, p. 69)*

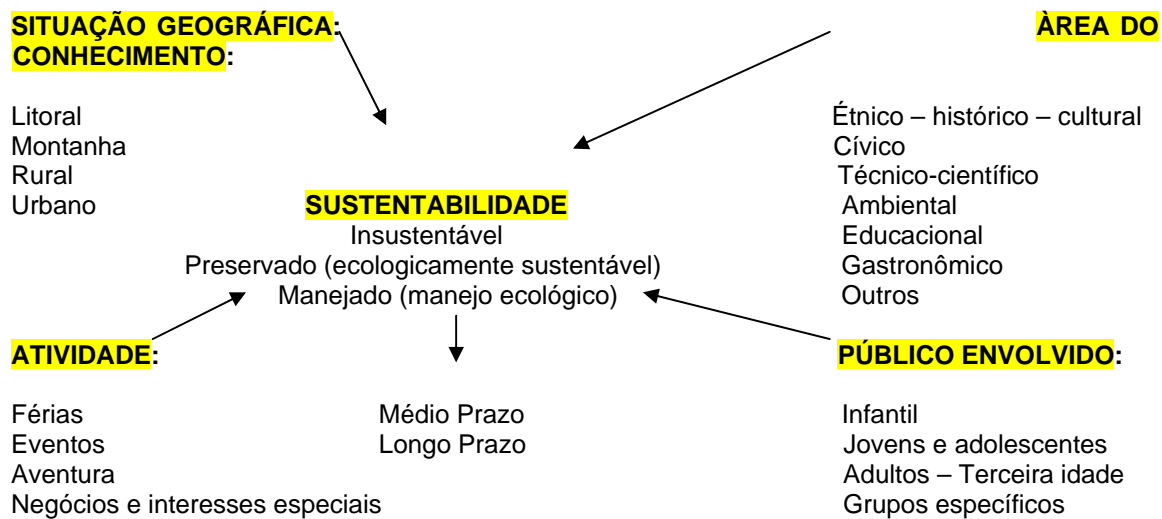
No que diz respeito aos diferentes tipos de meio ambiente para um turismo sustentável, os debates giram em torno de cinco tipos:

- ✓ Turismo litorâneo;
- ✓ Turismo nas ilhas;
- ✓ Turismo no interior;
- ✓ Turismo em região montanhosa;
- ✓ Turismo urbano.

Porém, nos últimos anos, um sexto tipo de meio ambiente vem se desenvolvendo, é o turismo marinho, com atividades de observação de baleias e outras espécies.

Em todos esses seis tipos é dada uma ênfase em relação ao turismo sustentável de acordo com sua demanda, observando-se os seus impactos negativos e positivos.

Assim sendo, considerando-se as organizações turísticas, quaisquer que sejam as atividades desenvolvidas, todas devem, sempre, levar em consideração a questão da sustentabilidade ecológica – Dóris Santos de Faria e Kátia Saraiva Carneiro, “Sustentabilidade Ecológica no Turismo” (2001, p. 44), coloca que, qualquer situação turística deve ser definida quanto:



A atividade turística também tem um papel importante no impacto sociocultural, quer sobre os visitantes quer no nível das populações dos destinos turísticos. Tal atividade tem estimulado uma maior integração entre os povos de nacionalidade e culturas diferentes.

O turismo também é um fator vital para o desenvolvimento de localidade no que diz respeito ao meio ambiente. Existe uma relação muito estreita entre o turismo e o meio ambiente, na medida em que uma localidade decide preservar suas áreas naturais, conservar seus monumentos históricos e arqueológicos e suas paisagens, como produtos turísticos para conquistar pessoas. (Carlos Meira Trigueiro, 2001, p. 6).

Na verdade, o turismo, é uma atividade de troca, portanto se caracteriza como um mercado, onde existe uma oferta de produtos turísticos e uma demanda de pessoas dispostas a visitar esses destinos.

O Brasil, segundo a OMT – Organização Mundial do Turismo e a EMBRATUR, apesar do excelente potencial turístico, – praias entre as melhores

do mundo, sol quase o ano inteiro, fauna e flora exuberante, folclore riquíssimo e um povo tradicionalmente hospitaleiro – participa apenas de uma parcela no mercado turístico mundial e, lentamente, estimula o mercado interno, do qual é preciso melhorar a infra-estrutura geral e específica.

CAPÍTULO 2

CONHECENDO POUSO ALTO

Localizado no extremo nordeste do Estado de Goiás, pertencente ao município de Campos Belos, Pouso Alto fica a 634 quilômetros de Goiânia e a 454 quilômetros de Brasília. Localiza-se na divisa com o Estado do Tocantins e da Bahia, beirando o Rio Mosquito, que deságua no Rio Palmas, e sua fronteira se dá nos limites da Serra Geral de Goiás.

Pouso Alto fica a 70 quilômetros de Arraias, cidade fundada no século XVII, e zona de garimpo, foi a principal cidade da região por três séculos. Devido à ausência de estradas, a comunicação com outras cidades era difícil e uma viagem à sede do município consistia um acontecimento. Isolados durante séculos, os habitantes de Pouso Alto descendem, em boa parte, dos índios Tapuias que se miscigenaram com garimpeiros, tropeiros e fazendeiros de gado que se estabeleceram na região.

Com a abertura de estradas, houve a substituição do transporte em lombos dos burros pelos caminhões, porém, devido ao relevo bastante acidentado as estradas passaram ao largo. Com a exaustão do minério, e o desaparecimento dos revoltosos a região foi esquecida.

Atualmente a comunidade é representada por, aproximadamente, dois mil habitantes, que se dividem em iguais proporções entre população urbana e população rural. Esta se dedica à criação de gado e à agricultura de subsistência. Algumas técnicas agrícolas ainda repetem os procedimentos usados pelos ancestrais indígenas, qual seja a produção de farinha, com a massa da mandioca espremida no *tipiti* e o aproveitamento do côco babaçu como fonte de alimento, além da caça e pesca.

Uma região muito rica não só por suas belezas naturais encravadas no Vale do Paranã, entre a Chapada dos Veadeiros e a Serra Geral de Goiás, mas também por ter sido cenário das caravanas, que no período colonial, quando Salvador era a capital do país, pela Estrada Cavaleira Real fazia-se à ligação com as Minas Gerais.

Muitas histórias ainda hoje se houve entre os moradores mais antigos, que vão passando de geração em geração e a história da região ficou marcada por muitas histórias de formação de fortunas, histórias de tesouros enterrados, histórias de assombrações e muitos outros causos.

Com a mudança da capital para o Rio de Janeiro, sua importância geográfica diminuiu, passando a região a ser rota apenas de tropeiros e garimpeiros.

Em seu livro, *A Coluna Prestes*, (p. 15), o pesquisador americano *Neill Macaulay*, registrou um fato político de conseqüências graves, que rompeu com a vida pacata da região, que se deu ainda neste século, quando o flanco direito da Coluna Prestes sofreu um abandono nas tropas e os desertores tornaram-se bandidos, salteadores de fazenda, apavorando os moradores da região.

Outras passagens também foram registradas no livro do pesquisador José A. Teixeira, intitulado no *Folclore Goiano: Cancioneiro, Lendas Superstições*. A obra foi o resultado de muitas viagens feitas pelo Estado de Goiás na década de 40, fazendo referência ao Vale do Paranã:

O Vão do Paranã, aquele grande vale de sessenta léguas, formado pelas ramificações que correm para o norte do Estado do espinhaço da Serra Geral, é o habitat do Pé de Garrafa. Coberto de extensas florestas é uma região verde que abriga o curso do rio, o vão do Paranã é uma região misteriosa, em que o homem se sente assombrado pela natureza. Metido na mata sombria, remendada aqui e ali por pedacinhos de céu azul, o homem sente-se penetrado do terror da natureza. E o estalido da folha seca que o mateiro pisou cauteloso, o pio agudo dum pássaro, o farfalhar das mantilhas de folhagens seguras do ombro alto dos troncos, ao sopro do vento – o fazem estremecer e arrepiar.

A mata com seu exército de troncos impassíveis, com seus ruídos estofados de silêncio, é deveras assombrosa... (Teixeira, 1941).

A comunidade de Pouso Alto é umas comunidades simples, humildes na sua simplicidade de viver a vida, mas um povo alegre, festeiro e muito religioso, apesar da inquietação religiosa sofrida pela instalação dos evangélicos, fazendo com que os fiéis católicos se dividissem entre tradicionais e carismáticos, o que a 5 anos atrás, o catolicismo reinava sob o formato tradicional.

Esse momento de conflitos de religiões fez com que enfraquecesse significativamente a importância das comemorações religiosas, como as datas consagradas ao padroeiro São Sebastião, a Nossa Senhora das Candeias, a São José, a Semana Santa, a São Pedro e a Santa Luzia.

Mas, ainda assim, para a comunidade de Pouso Alto, algumas crenças religiosas como não comer carne na semana santa, procurar o reflexo de sua própria imagem refletida na água, antes nascer do sol no dia de São João, ascender fogueiras para comemoração de São João e outras mais, são até hoje cultivadas e respeitadas, chegando a ser razão de suas vidas.

Em seu calendário, a comunidade tem como dias santificados:

- ✓ *Em 20 de Janeiro a comunidade comemora a data de seu santo padroeiro, São Sebastião, com festas que se estendem por todo o mês e quermesse na última semana, onde são leiloados frangos assados, queijos, rapaduras etc.*
- ✓ *Em fevereiro, no dia 2, comemora-se o dia de Nossa Senhora das Candeias. Nesta data, não se organiza procissão ou festa. Os fiéis dedicam-se a reuniões previamente organizada na casa de devotos, onde as rezadeiras oficiam a novena da Santa.*
- ✓ *Maio é o mês de Maria, todo festivo sob a orientação dos festeiros eleitos pela comunidade católica. É época de muita festa, barraca na rua e na última semana, são realizadas animadas quermesses com leilões de*

produtos da terra e o encerramento é dedicado ao Sagrado Coração de Maria.

- ✓ *No dia 2 de outubro, a exemplo de todo Brasil, comemora-se o dia de Nossa Senhora Aparecida. Sem qualquer ofício na igreja, as comemorações ficam por conta das rezadeiras nas casas dos devotos.*
- ✓ *No dia 13 de dezembro é a vez das comemorações a Santa Luzia, protetora dos olhos. É uma ocasião singular assistir e participar. O caboclo tem uma fé intensa na santa e, por mais humilde que seja o rancho onde se faz a celebração, servem-se aos presentes comidas e bebidas, que expressam o sacrifício do patrocinador no cumprimento da promessa. (registros feitos por Eudo Cantuário, em coleta de informações para o seu livro a ser publicado).*

Além da comemoração dos dias santificados, a comunidade comemora as festas populares, como: Folias de Reis, comemorado após o Natal e Ano Novo, onde sempre alguém da comunidade oferece pouso aos foliões; os festejos do Divino Espírito Santo, no final do mês de maio, agora transferida para o mês de junho; os Caretas ou Caretagem da Semana Santa e o sábado de Aleluia.

As manifestações culturais e religiosas de Pouso Alto é algo surpreendente e contagiante, a forma com a qual eles preparam, organizam e vivenciam toda aquela crença, e passam suas tradições de geração em geração, é sem dúvida de uma riqueza incomparável, por se tratar de uma comunidade que ficou alheia ao ritmo do progresso, e que ainda assim conseguiu manter-se semi-isolada por dois séculos.

A subsistência da manifestação cultural ao longo dos anos não é resultado de uma atividade planejada e dirigida. Sem qualquer registro e sem uma liderança definida, suas tradições em comemorar os dias santificados e as festas populares, vão tendo continuidade sem se perder a originalidade dos tempos.

É a tradição milenar na cristandade, que se faz preservar neste início de século XXI (Eudo Cantuário, 2002).

CAPÍTULO 3

PENSANDO EM UM TURISMO SUSTENTÁVEL PARA A REGIÃO DE POUSO ALTO A PARTIR DA ANÁLISE SITUACIONAL

A primeira etapa para o planejamento de uma destinação é necessária se fazer uma análise situacional, ou diagnóstico da situação da localidade com respeito ao turismo.

Ao planejar o turismo para uma localidade, segundo Carlos Meira Trigueiro, algumas questões devem ser colocadas como referencial para o planejamento, como por exemplo:

- ✓ *Que importância o turismo pode ter para a economia dessa localidade?*
- ✓ *Quais são os pontos fortes e fracos dessa localidade?*
- ✓ *Quais são as ameaças e oportunidades dessa localidade?*
- ✓ *Que tipo de eventos e atrações tem a localidade para atrair turistas?*
- ✓ *Qual é o público-alvo desejado para essa localidade?*
- ✓ *Que mercados precisam ser trabalhados com vistas a captar turistas para essa localidade?*
- ✓ *Que tipos de imagens devem-se divulgar para atrair turistas para essa localidade?*
- ✓ *Como estão os serviços básicos, a infra-estrutura e a qualidade de atendimento aos turistas que visitam essa localidade?*
- ✓ *Que tipo de estratégias, táticas e investimentos a localidade e as empresas locais têm de desenvolver para serem competitivas na indústria turística?*

- ✓ *Que tipo de mensagens e mídias serão eficientes na tarefa de conquistar e manter turistas para essa localidade?*
- ✓ *Como deve ser organizado e administrado o turismo nessa localidade?*

Para a localidade de Pouso Alto, a análise situacional não foi totalmente concluída, ela foi apenas iniciada pelo proprietário da Pousada Rosa dos Ventos, Eudo Cantuário, que em seus registros (fotos, filmagens e entrevistas), onde ele descreve uma situação bem favorável ao turismo sustentável, a partir da própria região onde se pode desfrutar de cavernas, trilhas no cerrado, afluentes de rios, além de sua fauna e flora muito rica, e com o total apoio dos seus habitantes, com suas tradições e credences, que compõe os atrativos turísticos da região.

Além da análise situacional da região foi avaliado também quanto aos pontos fortes e fracos, qual seria o público desejado, quanto aos serviços básicos, a infra-estrutura e a qualidade de atendimento ao turista, levantamento das ameaças e oportunidades do local, entretanto, quanto ao planejamento em relação às estratégias e investimento, e como deve ser organizado e administrado o turismo para Pouso Alto, esta fase não foi ainda discutida. Na verdade, Pouso Alto, necessita, antes de qualquer coisa, de uma força política, municipal ou estadual, ou até mesmo, de empreendedores que queiram investir numa nova destinação turística de grande potencial e de uma sustentabilidade avançada.

Baseando-se na pesquisa realizada com uma gama de conceitos de sustentabilidade, levando-se em conta a análise situacional necessária à aplicação do turismo sustentável para qualquer que seja a região e levando-se em conta os registros já mencionados por um pequeno empresário da região, fizemos um planejamento com algumas considerações que julgamos serem importantes para

enquadramos a região de Pouso Alto, localizada no município de Campos Belos em Goiás, no contexto do turismo sustentável.

LOCALIZAÇÃO: município de Campos Belos, nordeste do Estado de Goiás, 634 quilômetros de Goiânia e 454 quilômetros de Brasília.

NÚMERO DE HABITANTES: aproximadamente dois mil

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: rural (fauna e flora abundante com afluentes de rios), situada no Vale do Paraná entre a Chapada dos Veadeiros e a Serra Geral de Goiás.

ÁREA DE CONHECIMENTO: histórico, cultural e ambiental.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS: de eventos (comemorações religiosas e festejos populares do folclore da própria região, retiros espirituais e encontros religiosos); de aventura (rapel, trilha, canoagem, esportes radicais).

PÚBLICO ENVOLVIDO: infantis, jovens e adolescentes, adultos e terceira idade, e grupos específicos.

ÓRGÃOS E PESSOAS ENVOLVIDAS: Governo Municipal de Campos Belos, Governo Federal de Goiás, habitantes de Pouso Alto, empresários da região de Pouso Alto e de Campos Belos, e todos os que puderem de maneira legal e correta se beneficiar com o turismo da região, proporcionando o seu desenvolvimento e potencial turístico.

Além do planejamento, sugerimos que se faça, antes de qualquer passo, um levantamento, das questões a seguir (conforme Carlos Meira Trigueiro, RJ, 2001):

1. Qual a importância do turismo para a economia de Pouso Alto.
2. Quais são os pontos fortes e fracos da região de Pouso Alto.

3. Quais são as ameaças e oportunidades da região de Pouso Alto.
4. Quais são os tipos de eventos e atrações, além dos já existentes, a região de Pouso Alto tem para atrair turistas.
5. Quais são os outros tipos de público que se deseja captar para a região.
6. Quais são os mercados que precisam ser trabalhados.
7. Qual seria a imagem a ser divulgada para atrair turista.
8. Qual estratégia e investimento local seriam desenvolvidos para serem competitivos na indústria turística.
9. Como estão os serviços básicos já existentes, bem como sua infra-estrutura e qualidade de atendimento aos turistas que visitam Pouso Alto.
10. Como deve ser organizado e administrado o turismo na região de Pouso Alto.

Após um planejamento bem estruturado e o levantamento de fatores importantes sobre a destinação turística, consideramos também de fundamental importância o envolvimento da comunidade, ou seja, o seu interesse real em desenvolver-se, ampliando os seus horizontes, percebendo a dimensão do projeto ao incluir a região de Pouso Alto no contexto turístico brasileiro. Há uma necessidade de estarem falando uma mesma linguagem a comunidade e o governo envolvido.

Baseado também em informações já levantadas sobre a região de Pouso Alto pode-se afirmar que a mesma tem um potencial turístico considerável, necessitando apenas de se colocar em prática as considerações sugeridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos neste trabalho que o turismo sustentável, a partir, dos mais variados conceitos de autores diferentes, pode ter um papel positivo no contexto turístico das destinações.

Os debates sobre turismo sustentável, principalmente nas áreas rurais, enfocam sobre a administração da pressão do turismo, para evitar danos irreparáveis ao meio ambiente e à comunidade local, e por muitas vezes, o turismo é visto como um salvador potencial, fornecendo empregos e renda extra aos que trabalham e moram em sítios, chácaras e outras áreas rurais.

Para contribuir com um turismo mais responsável e gerador de benefícios amplos para a sociedade, foi realizado um “*Workshop* sobre políticas locais de turismo sustentável: definindo estratégias de fomento e gestão para um turismo responsável”, nos dias 27 e 28 de novembro passado, no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, promovido pelo WWF-Brasil e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com participação exclusiva de organizações públicas e privadas, e técnicos especialistas relacionados com a temática, que se propuseram a:

1- identificar e debater modelos, experiências e estudos de casos na formulação e aplicação de políticas públicas locais em turismo sustentável; 2- desenvolver um entendimento participativo sobre os melhores procedimentos para a formulação, aplicação e gestão de mecanismos legais de fomento e controle em turismo em nível local; e 3- desenvolver um documento com os resultados do *workshop*, composto por uma análise técnica das normas legais que afetam a atividade turística, por modelos de códigos e leis de incentivo e controle de seu desenvolvimento, por estudos de caso nesta área e por uma análise crítica sobre a gestão participativa destas políticas.

O que não podemos deixar de registrar, também, é que a preocupação em turismo sustentável se dá em relação a todos os meios geográficos diferentes:

áreas rurais, áreas litorâneas e meio ambientes marinhos, áreas montanhosas e ilhas.

Fica ainda a sugestão para o governo, seja ele, federal, estadual ou municipal, para os pequenos e grandes empreendedores, para os acadêmicos e pesquisadores, que se invista mais, seja financeiramente ou como fonte de pesquisas, no desenvolvimento das formas de turismo mais sustentáveis que possam dar uma maior contribuição para o desenvolvimento nacional, partindo também da preocupação em possibilitar uma maior interação espontânea entre os turistas e os residentes da região, eliminando os preconceitos geralmente errôneos dos turistas sobre o meio ambiente e a cultura local.

Quando pensamos em turismo sustentável para uma determinada região, chegamos a uma conclusão que, devemos levar em consideração a idéia de que algumas formas de turismo são inevitavelmente mais sustentáveis que outras, e acreditamos também que, talvez devamos pensar que todas as formas de turismo possam transforma-se em sustentáveis, ou pelo menos mais sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAV – Associação Brasileira de Agências de Viagens “O que as autoridades de governo e os parlamentares devem saber sobre turismo” – São Paulo, 1992.

CNMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso Futuro Comum. Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro, 1988.

FARIA, Dóris Santos, e **CARNEIRO**, Kátia Saraiva, “Sustentabilidade Ecológica do Turismo” – Brasília, 2001.

LEMOS, Amália Inês Geraiges, “Turismo – Impactos Sociambientais” – São Paulo, 2001.

MACAULAY, Neill, “A Coluna Prestes”, (p.15).

ROCHA NETO, J. M. Reflexão sobre o turismo na atualidade. Revista Múltipla – Brasília, 1998, 5(3): 139-157.

RUSCHMANN, Doris van Meene “Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente” – Campinas /SP, Papirus 1997.

SANTIAGO, Eudo Cantuário. Registro que irão compor uma obra – Brasília, 2002.

SWARBROOKE, John “Turismo Sustentável: meio ambiente e economia”, São Paulo: Aleph, 2000.

SWARBROOKE, John “Turismo Sustentável: setor público e cenários geográficos”, São Paulo: Aleph, 2000.

TEIXEIRA, José A., “Folclore Goiano: Cancioneiros, Lendas Superstições”.

TRIGUEIRO, Carlos Meira, “Marketing e Turismo: como planejar e administrar o marketing turístico para uma localidade” – Rio de Janeiro, 2001.

UnB, Glossário do programa de pós-graduação em turismo e hotelaria – **FERRI**,
Cássia & **RUSCHMANN**, Doris van Meene (org) – Brasília, 1999.

www.hospitalidade.org.br/ie/institucional, acesso em 29/11/2003

www.ibge.gov.br, acesso em 02/12/2003

www.to.gov.br , acesso em 02/12/2003